Nota Técnica

ANÁLISE DOS DADOS PRELIMINARES DO COMÉRCIO MUNDIAL EM 2020

Fernando Ribeiro

Nº 32

Dinte
Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais

Janeiro de 2021

ipea

Nota Técnica

ANÁLISE DOS DADOS PRELIMINARES DO COMÉRCIO MUNDIAL EM 2020

Fernando Ribeiro

Nº 32

Dinte
Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais

ipea

Governo Federal

Ministério da Economia
Ministro Paulo Guedes

ipea **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**

Fundação pública vinculada ao Ministério da Economia, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente
Carlos von Doellinger

Diretor de Desenvolvimento Institucional
Manoel Rodrigues Junior

Diretora de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia
Flávia de Holanda Schmidt

Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas
José Ronaldo de Castro Souza Júnior

Diretor de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais
Nilo Luiz Saccaro Júnior

Diretor de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação e Infraestrutura
André Tortato Rauen

Diretora de Estudos e Políticas Sociais
Lenita Maria Turchi

Diretor de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais
Ivan Tiago Machado Oliveira

Assessor-chefe de Imprensa e Comunicação (substituto)
João Cláudio Garcia Rodrigues Lima

Ouvidoria: http://www.ipea.gov.br/ouvidoria
URL: http://www.ipea.gov.br

Nota Técnica

ANÁLISE DOS DADOS PRELIMINARES DO COMÉRCIO MUNDIAL EM 2020

Fernando Ribeiro

Nº 32

Dinte
Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais

Janeiro de 2021

ipea

EQUIPE TÉCNICA

Fernando Ribeiro
Coordenador de Estudos em Relações Econômicas Internacionais da Dinte-IPEA.

DOI: http://dx.doi.org/10.38116/ntdinte32

As publicações do Ipea estão disponíveis para *download* gratuito nos formatos PDF (todas) e EPUB (livros e periódicos). Acesse: <http://www.ipea.gov.br/portal/publicacoes>.

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte.
Reproduções para fins comerciais são proibidas.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 7

2. EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO EM 2020 8

3. COMÉRCIO DE PAÍSES SELECIONADOS 10

4. COMÉRCIO SEGUNDO PRODUTOS 20

5. CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS 20

REFERÊNCIAS 22

1. INTRODUÇÃO

Os efeitos econômicos e as incertezas após a irrupção da pandemia de Covid-19 no início de 2020 gerou um rápido movimento de revisão de projeções para o desempenho da economia mundial. O Fundo Monetário Internacional (FMI), por exemplo, reduziu a previsão para o crescimento mundial de 3,3% para -3,0% em abril de 2020 (FMI, 2020a). Não o bastante, no *update* publicado em junho de 2020, já de posse dos primeiros números de atividade econômica posteriores ao início da pandemia, o FMI reduziu ainda mais a previsão, para 4,9% (FMI, 2020b).

Nesse cenário adverso, as preocupações se estenderam ao comércio mundial. Inicialmente, o FMI reportou uma previsão de queda do comércio de bens e serviços de 11,0%, com queda mais acentuada nos países desenvolvidos (cerca de -12,0%) do que nos países emergentes e em desenvolvimento (-8,5%) (FMI, 2020a). O *update* previa quedas ligeiramente maiores: -11,9% no mundo, -13,4% nos países desenvolvidos e -9,4% nos emergentes (FMI, 2020b). Já a Organização Mundial do Comércio (OMC) publicou um estudo em que projetava cenários para o volume do comércio mundial, uma queda entre 12,9%, no cenário otimista, e 31,9%, no cenário pessimista (OMC 2020).

O Ipea realizou um exercício de estimação do comércio mundial de mercadorias, tendo como base a reação do comércio a outros momentos de recessão mundial. Assim, com base em três diferentes cenários para a evolução do Produto Interno Bruto (PIB) mundial no ano, a retração do comércio mundial ficaria entre 15% e 25% (Oliveira *et al., 2020).*

Tais previsões e estimativas foram feitas em um momento de incerteza elevadíssima. E havia motivos para acreditar que o cenário poderia ser pior. Os autores discutiram uma série de fatores de risco para os cenários, identificando não menos do que sete fatores que poderiam trazer resultados mais negativos, ante dois aspectos que poderiam colaborar para resultados mais favoráveis.

Felizmente, as piores previsões não se confirmaram. Na verdade, o desempenho do comércio mundial tem sido surpreendentemente favorável em vista da gravidade do cenário. A mais recente projeção da OMC[1] (de 6 de outubro) indica uma queda de 9,2% do volume do comércio no ano, melhor do que o cenário mais otimista desenhado meses atrás (OMC, 2020). E o FMI (2020c) projeta redução da ordem de 10% (incluindo também o comércio de serviços), ante projeção de -12% feita em junho passado.

Naturalmente, parte dessa melhoria das projeções se deve a mudanças nos cenários para o PIB mundial. Hoje sabe-se que muitos países, principalmente os desenvolvidos, proveram pacotes de estímulo fiscal e de apoio à sustentação das empresas com valores sem precedentes, bem como adotaram políticas monetárias extremamente expansionistas. Essas ações certamente ajudaram a evitar os cenários mais pessimistas, e permitiram que grande parte dos países testemunhassem uma recuperação relativamente rápida da atividade econômica após as fortíssimas quedas observadas em março e abril. Segundo o FMI (2020c), o fato de que muitos países conseguiram flexibilizar as medidas de distanciamento social com relativa rapidez também colaborou para a recuperação. Isso permitiu que a instituição melhorasse um pouco sua previsão para o crescimento mundial neste ano, para -4,4%.

Ainda assim, o comércio vem tendo um desempenho bem diferente do observado em outros momentos de recessão mundial. Oliveira *et al.* (2020) mostraram que, em períodos de normalidade, o comércio cresce a uma taxa entre uma e duas vezes a taxa de crescimento do PIB mundial – já levando em conta a queda da elasticidade – PIB do comércio ocorrida após 2010. Mas, em períodos de recessão mundial, o comércio cai de forma muita mais intensa[2]. Os números observados até aqui em 2020, mostram, porém, que o comércio mundial se contrai a uma taxa semelhante à do PIB.

Esse ponto evidencia que a crise atual é diferente das anteriores, especialmente, pelo fato de ter afetado mais fortemente o setor de serviços do que a indústria, ao contrário das recessões anteriores. A pandemia afetou mais diretamente as atividades que envolvem contato direto entre pessoas, como é o caso da maioria dos serviços, que são em grande parte não transacionáveis. Já a indústria e a agropecuária estão conseguindo se recuperar mais rapidamente, pois é mais fácil manter estas atividades funcionando dentro de regras de distanciamento social.

Para contribuir com o debate em curso sobre o impacto do COVID-19 no comércio mundial, essa Nota avalia como os fluxos de importação e exportação vêm se comportando em 2020 frente à crise pandêmica, lançando mão de indicadores mensais agregados para um conjunto representativo de países, com dados disponíveis até agosto. De fato, o que se vê até aqui é uma rápida recuperação dos fluxos de comércio a partir de maio – ainda que tal recuperação venha se dando em ritmos diferentes entre os países e regiões. Os números disponíveis sugerem que a queda do *quantum* de comércio este ano possa ser menor do que as previsões recentes indicam. O comportamento dos valores comercializados, contudo, vem sendo prejudicados pela queda dos preços internacionais.

1. Disponível em: <https://www.wto.org/english/news_e/pres20_e/pr862_e.htm>. Acesso em: 10/11/2020.
2. Por exemplo, na crise de 2009, o PIB mundial ficou próxima de zero e o comércio caiu 11,7%.

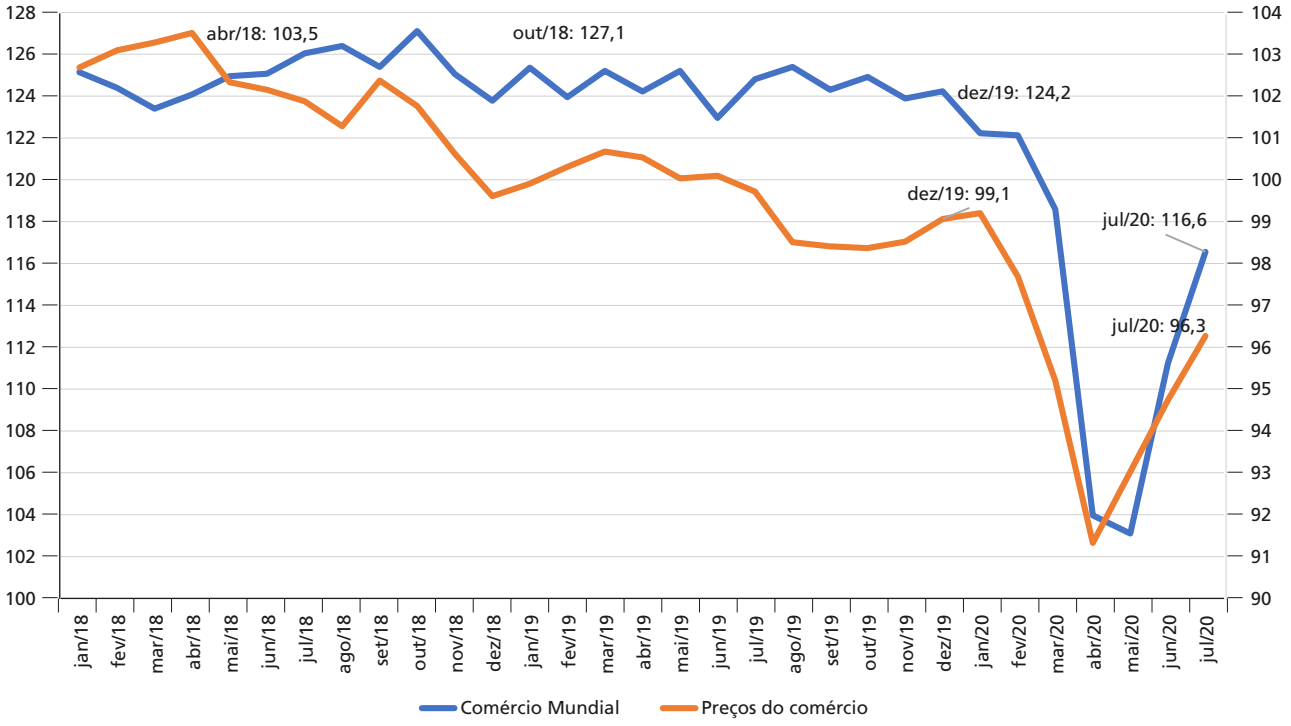
Além dessa introdução, esta Nota Técnica (NT) está estruturada da seguinte forma: na seção 2 analisa-se a evolução das exportações e importações do mundo e de países e regiões selecionadas, com dados até agosto de 2020. A seção 3 discute o que aconteceu com as exportações e importações de um grupo de 46 países (incluindo todos os membros da OCDE) no período janeiro-agosto comparativamente ao mesmo período do ano passado, buscando identificar se há alguma correlação entre a variação dos fluxos de comércio e alguns indicadores específicos, como incidência da Covid-19 ou a importância que as cadeias globais de valor têm no comércio de cada país. A seção 4 discute o comportamento dos fluxos de comércio segundo produtos (na classificação de capítulos do sistema harmonizado). Como tais dados para 2020 ainda não estão disponíveis para a maioria dos países nas bases de dados internacionais, a análise utiliza dados de Estados Unidos, União Europeia e China, obtidos de fontes nacionais. Por fim, a seção 5 apresenta as principais conclusões e discute as perspectivas para o comércio mundial nos últimos meses de 2020 e em 2021, levando em conta as previsões disponíveis atualmente e também o balanço de riscos.

2. EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO EM 2020

O comércio mundial sofreu queda expressiva nos meses de março, abril e maio de 2020 (gráfico 1). Somente neste trimestre, o *quantum* acumulou redução de 15,6%, recuando para um nível similar ao de dez anos atrás. Os preços do comércio mundial também se reduziram no mesmo período, mas de forma menos intensa: -4,8%.

*É i*mportante notar que o comércio mundial já mostrava um movimento de suave queda desde 2018, como fica evidente no gráfico 1. Em fevereiro, o nível do comércio já era mais baixo do que o observado em todos os meses de 2018 e 2019.

GRÁFICO 1
Evolução do *quantum* e dos preços do comércio mundial (2018-2020)
Séries dessazonalizadas (2010 = 100)



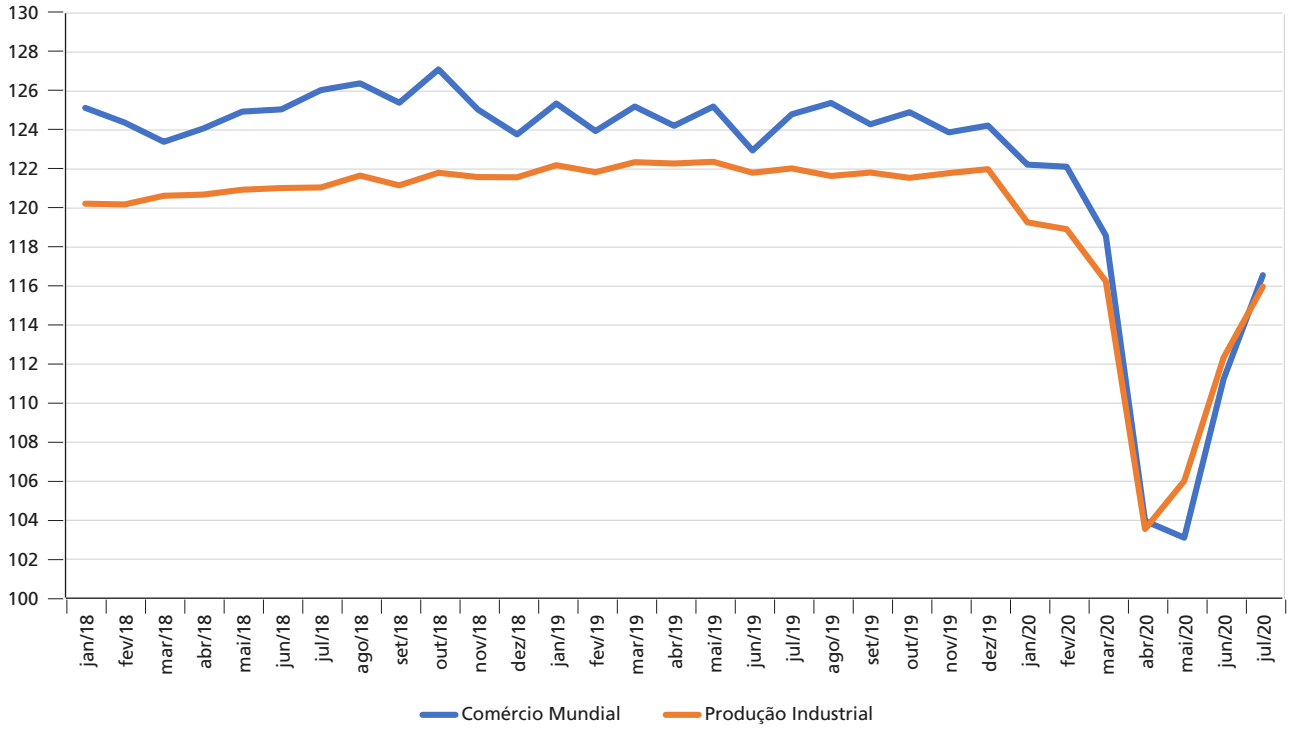
Fonte: *Centraal Planbureau (Bureau for Economic Policy Analysis – CPB).*

Com a flexibilização das medidas de distanciamento social (e.g., primeiramente na China e outros países asiáticos, depois na Europa, Estados Unidos e outras regiões), os fluxos de comércio tiveram uma rápida recuperação, crescendo 13,1% em apenas dois meses (junho e julho), embora não tenha voltado ainda ao nível de fevereiro.

O gráfico 2 mostra que a evolução do comércio esteve alinhada à produção industrial no mundo. Esta sofreu queda de 12,9% entre fevereiro e abril, começou a se recuperar em maio e, em julho, já havia recobrado a maior parte da perda anterior, acumulando alta de 12,0% entre abril e julho.[3]

3. A julgar pela evolução do PMI (*Purchasing Manager´s Index*) do JP Morgan/Markit, que indica a atividade do setor manufatureiro global em setembro já superava os níveis de fevereiro, pode-se inferir que o mesmo ocorrerá com o comércio mundial.

GRÁFICO 2
Evolução do *quantum* do comércio mundial e da produção industrial mundial (2018-2020)
Séries dessazonalizadas (2010 = 100)



Fonte: CPB.

Se com a hipótese conservadora de que o comércio mundial voltará em setembro ao mesmo patamar de fevereiro, e ali se mantiver até o final do ano, a variação de 2020 em relação a 2019 seria de -6,0%, número bem melhor do que as recentes projeções da OMC e do FMI (gráfico 2). Em que pesem às diferenças metodológicas entre o índice aqui apresentado e os números compilados pelas instituições multilaterais, há razões para ser otimista em relação ao comércio mundial no curto prazo.

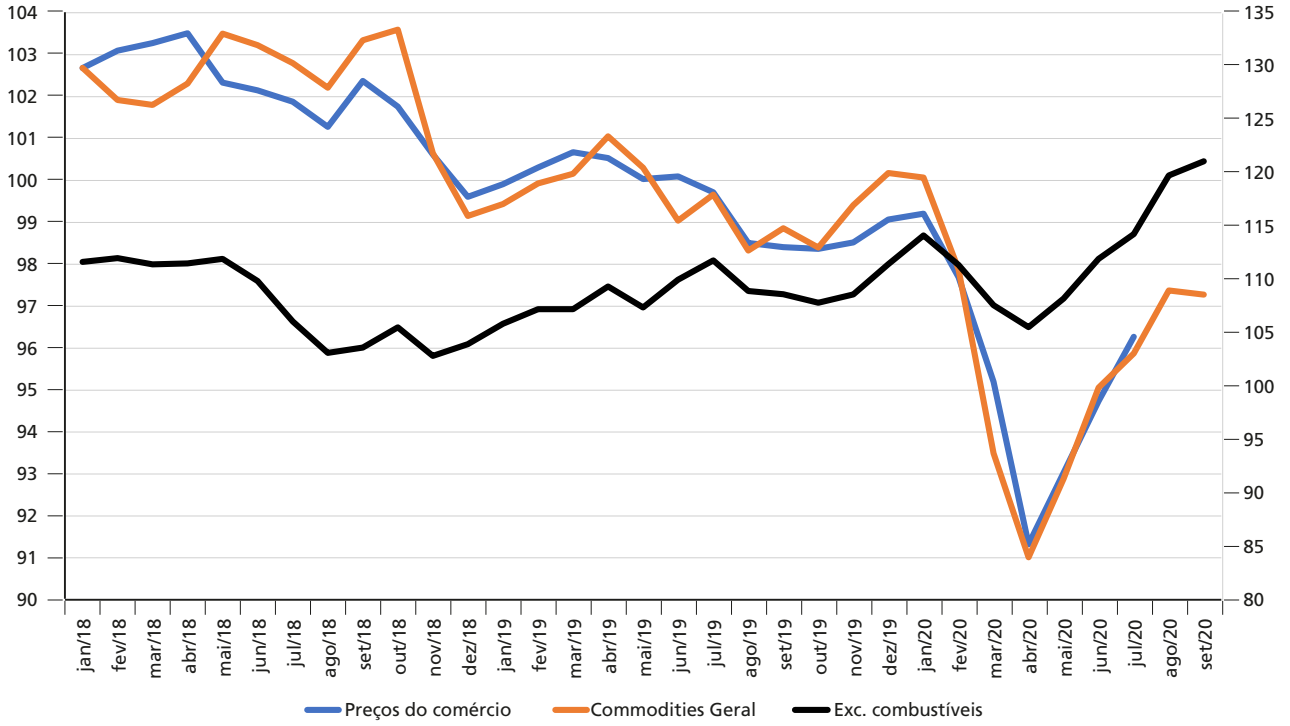
O comércio mundial medido em dólares correntes teve uma queda mais intensa entre fevereiro e maio deste ano, de -19,6%, mas também uma recuperação mais forte nos meses seguintes, de 17,0% em junho e julho. Isso porque os preços tiveram uma trajetória semelhante ao *quantum* de comércio, embora com variações menores.

O gráfico 3 mostra que os preços de comércio acompanharam bem de perto o comportamento dos preços de *commodities* no período.[4] A trajetória do índice de preços geral de *commodities* foi fortemente este ano tem sido muito influenciada pelo comportamento dos preços do petróleo, que caíram de cerca de US$ 80 o barril no final de 2019 para menos de US$ 20 em abril recuperando-se, posteriormente, para se estabilizar ao redor de US$ 40.

Aqui também se verifica um comportamento peculiar do comércio durante a pandemia, comparativamente a outros períodos de crise mundial. Tipicamente, em períodos de recessão, há queda significativa dos preços de todas as *commodities*, refletindo a expectativa de queda de demanda. Dessa vez, porém, o impacto negativo se limitou ao petróleo. As demais *commodities* tiveram quedas de preços bem mais modestas até abril e vêm crescendo desde então, já tendo superado o nível médio observado no biênio 2018-2019, como se vê no gráfico 3. A alta é especialmente forte nos metais, enquanto os produtos agrícolas e alimentícios estão em níveis ligeiramente superiores aos que prevaleceram no ano passado – movimento benéfico para países exportadores desse tipo de bens, como o Brasil.

4. Segundo índices calculados regularmente pelo FMI e disponível em: <https://www.imf.org/en/Research/commodity-prices>.

GRÁFICO 3
Evolução dos preços do comércio mundial (2010 = 100) e dos preços de *commodities* (2016=100)



Fonte: CPB e FMI (https://www.imf.org/en/Research/commodity-prices).

3. COMÉRCIO DE PAÍSES SELECIONADOS

3.1 *Quantum* de comércio mundial e por principais países e regiões

A tabela 1 mostra a variação do *quantum* exportado e importado de países e regiões selecionados, seja no acumulado do período janeiro-agosto deste ano em relação ao mesmo período de 2019, seja na comparação entre agosto de 2020 e dezembro de 2019 (série dessazonalizada). Os números revelam uma queda bem mais intensa do comércio nos países avançados do que nas economias emergentes. Nas exportações, os avançados tiveram redução de 12,1% no acumulado janeiro-agosto, com quedas de dois dígitos em todos os países e grupos considerados. Já os emergentes tiveram queda de apenas 4,1% no período, com taxas não muito diferentes entre as diversas regiões. A menor queda ocorreu na China, que também já mostra um crescimento das exportações em agosto, na comparação com dezembro de 2019. Também a América Latina já registra crescimento nesta comparação.

TABELA 1
Variação do *quantum* das exportações e das importações mundiais, segundo países e regiões selecionadas
(Em %)

	Quantum exportado		*Quantum* importado	
	Var. % jan-jul 2020/2019	Var. % jul-20/dez-19	Var. % jan-jul 2020/2019	Var. % jul-20/dez-19
Países avançados	-12,1	-9,7	-10,5	-5,9
Estados Unidos	-13,2	-13,4	-9,1	-3,0
Japão	-12,0	-14,8	-5,9	-9,0
Área do Euro	-12,7	-8,0	-11,8	-6,3
Outras economias avançadas	-10,4	-8,8	-11,1	-6,8
Países emergentes	-4,1	-1,9	-5,2	-6,5
China	-3,2	0,6	2,3	2,0
Ásia emergente (exc. China)	-3,6	-2,3	-7,3	-8,3
Leste europeu	-4,8	-7,7	-6,4	-12,8
América Latina	-5,6	4,2	-14,5	-18,9
África e Oriente Médio	-5,5	-10,0	-2,6	-3,0
Total	**-8,6**	**-6,2**	**-8,4**	**-6,1**

Fonte: CPB.

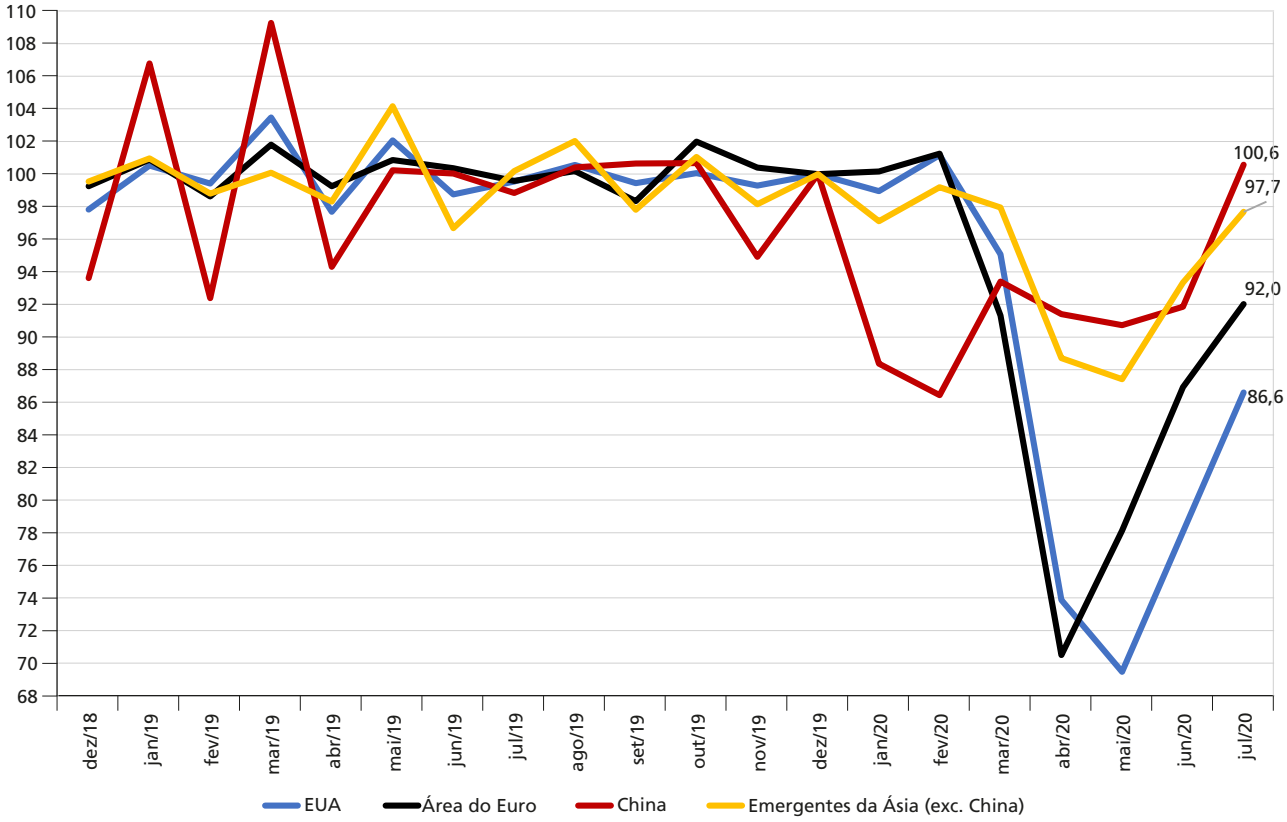
Na importação, a queda foi um pouco menor entre os avançados, de -10,5%, principalmente, pelo comportamento menos negativo nos Estados Unidos e no Japão. Os países europeus foram os mais prejudicados nos fluxos de comércio, o que está em linha com o desempenho relativamente pior da atividade econômica na região, ante os dos demais países avançados. Entre os emergentes, a queda foi de 5,2%, com destaque para a redução de 14,5% na América Latina, cujas economias foram, em geral, muito fortemente afetadas pela pandemia – o FMI (2020c) estima queda de 8,8% do PIB da região. Em contraste, as importações da China cresceram 2,3%, sendo este um dos poucos países que conseguirão obter algum crescimento econômico em 2020 o FMI estima 1,9%.

O gráfico 4 ilustra a evolução do *quantum* das exportações mundiais, segundo países e regiões selecionadas, de dezembro de 2015 a agosto de 2020. A China – primeiro país afetado pela Covid-19 – viu suas exportações caírem substancialmente já nos meses de janeiro e fevereiro, acumulando queda de 13,6% no bimestre. Houve recuperação parcial em março, mas o crescimento só ganhou força mesmo em julho, quando o índice de *quantum* de exportação retornou ao mesmo patamar de dezembro. Nos Estados Unidos, a queda das exportações ocorreu um pouco mais tarde, a partir de março, mas foi muito mais intensa do que a ocorrida na China: no bimestre março-abril houve redução de quase 30%. A recuperação, porém, também foi rápida, embora em agosto ainda existisse uma perda de exportações da ordem de 13% em relação a dezembro.

A trajetória foi semelhante na Área do Euro, com queda acumulada de mais de 30% no trimestre março-abril-maio e recuperação parcial até julho, ainda com perda de 8,0% ante dezembro. Nos países emergentes da Ásia, a queda também ocorreu no trimestre março-maio, mas foi menos intensa do que nos Estados Unidos e na União Europeia (-13,6%) e a recuperação posterior já recuperou quase toda a perda em relação a dezembro – o que se explica, provavelmente, pela maior importância da China como destino das exportações desses países.

GRÁFICO 4

Evolução do *quantum* de exportações, segundo países e regiões selecionadas (dez/2019 = 100)



Fonte: CPB.

Trajetórias semelhantes foram observadas no *quantum* de importação (gráfico 5). A China teve queda acumulada de mais de 10% em janeiro e fevereiro e recuperação mais forte em junho, julho e agosto, já tendo superado o patamar de dezembro de 2019. A queda ocorreu um pouco mais tarde nos Estados Unidos, na União Europeia e nos emergentes da Ásia, e também foi mais forte do que na China (da ordem de 15% a 20%). Até agosto houve recuperação parcial, mas no caso dos Estados Unidos, as importações já estavam apenas 3% abaixo do nível de dezembro.

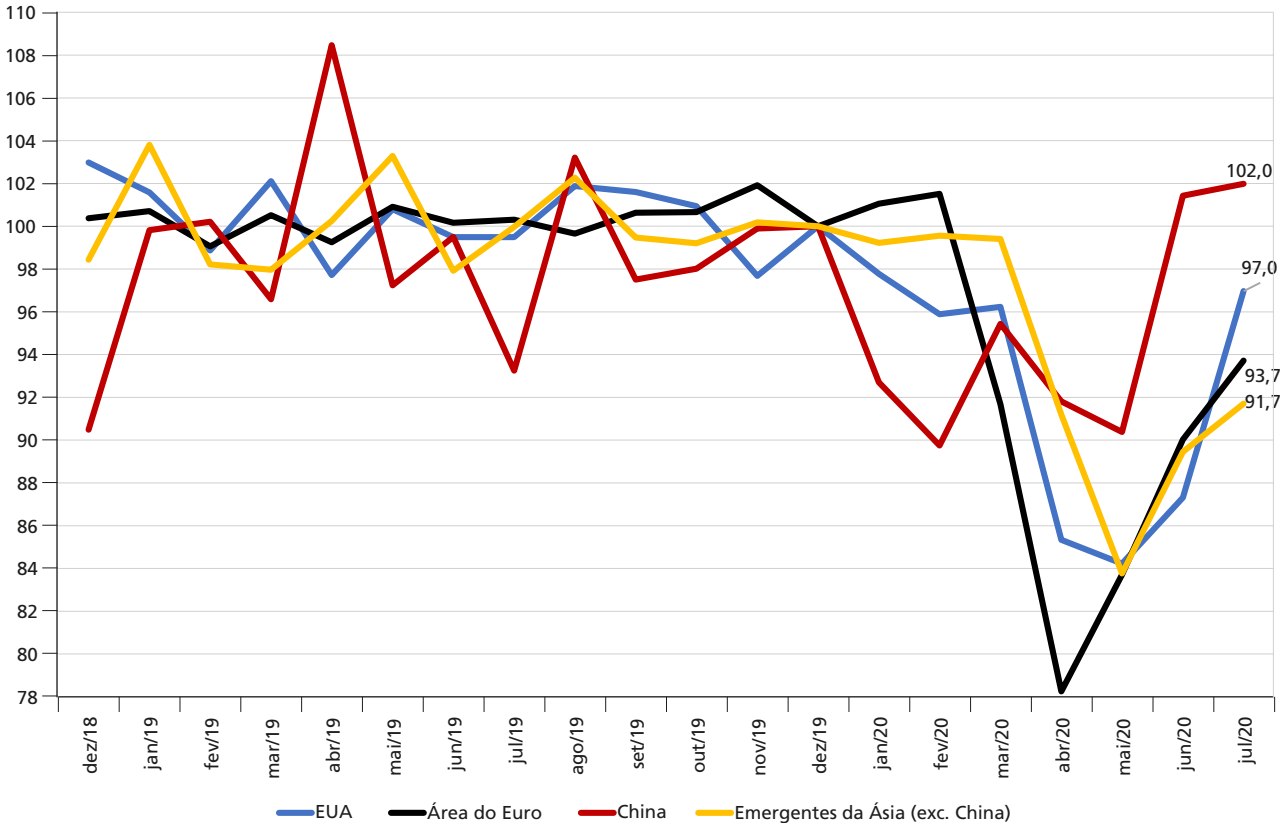
Considerando que o desempenho faz importações está fortemente correlacionado com a atividade industrial, conforme exposto anteriormente, o gráfico 6 mostra grande semelhança desta com as trajetórias das importações e também das exportações dos países selecionados.

A China teve forte queda da atividade industrial em janeiro e fevereiro e rápida recuperação posterior, já tendo retornado ao nível registrado em dezembro. Nos Estados Unidos, na União Europeia e no emergentes da Ásia a indústria teve queda nos meses de março, abril e maio e rápida recuperação posterior, mas ainda sem retornar ao nível de dezembro.

Importante destacar algumas diferenças entre os países. Nos emergentes da Ásia a trajetória da produção industrial é muito semelhante à das exportações (e nem tanto com a das importações), sugerindo que as exportações podem estar funcionando como alavanca para recuperação da indústria. Já nos Estados Unidos, as importações é que parecem acompanhar mais de perto a indústria, indicando a grande dependência de insumos importados na estrutura produtiva do país. Já na União Europeia, os três indicados caminharam muito próximos, tanto na queda em março-maio quanto na recuperação até agosto, o que pode refletir a grande importância dos fluxos de comércio intrarregionais no setor industrial.

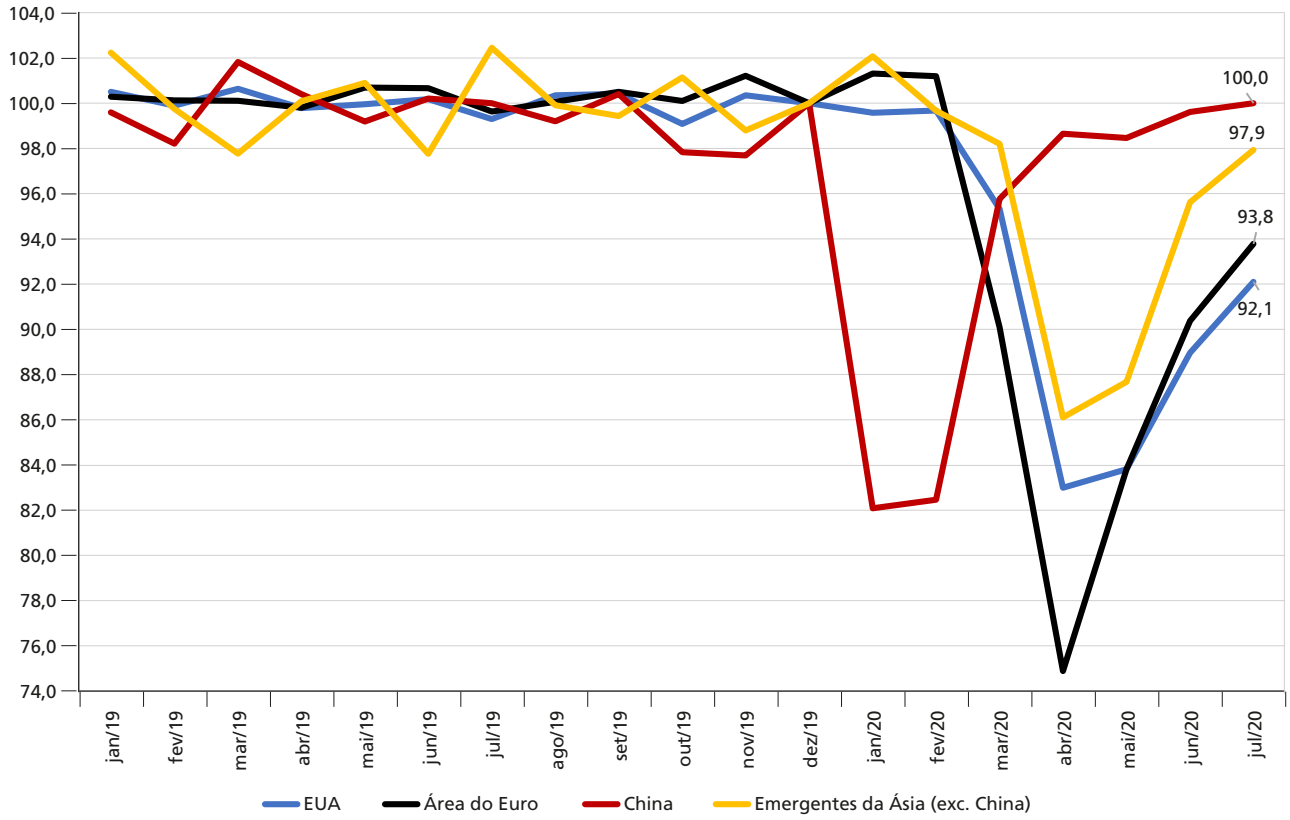
GRÁFICO 5

Evolução do *quantum* de importações, segundo países e regiões selecionadas (dez/2019 = 100)



Fonte: CPB.

GRÁFICO 6
Produção industrial, segundo países e regiões selecionadas (dez/2019 = 100)



Fonte: CPB.

3.2 Comércio segundo países selecionados, em dólares correntes

Com o intuito de ter uma visão mais ampla do desempenho do comércio no mundo, foram levantadas informações sobre o valor das exportações e das importações nos meses de janeiro a agosto de 2020, com base em dados publicados pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN). A tabela 2 apresenta a variação das exportações e das importações para 47 países, os 37 da OCDE e mais Argentina, Brasil, China, Costa Rica, Tailândia, Malásia, Índia, Indonésia, Rússia e África do Sul. Esses países representaram, nos últimos anos, entre 75% e 80% do comércio mundial. É importante lembrar que esses números não se comparam diretamente com os apresentados até aqui, pois se trata do comércio medido em dólares correntes (e não o *quantum*) e as séries não sofreram ajuste sazonal.

As exportações totais desses países tiveram redução de 12,3%, no período janeiro-agosto de 2020, em relação ao mesmo período de 2019, e as importações caíram 12,7%. A comparação de agosto de 2020 com agosto de 2019 mostra queda menor, de 5,4% nas exportações e de 8,0% nas importações, indicando recuperação gradual dos fluxos após fortes quedas nos primeiros meses do ano. As taxas mais negativas foram registradas nos países da América do Norte (-16,3% nas exportações e -13,1% nas importações) e na Europa (-13,3% e -13,2%, respectivamente). O desempenho foi um pouco melhor na Oceania (-10,9% e -10,7%). Já nos países da América do Sul e da Ásia, há clara diferença entre o desempenho das exportações e das importações, com queda maior destas últimas (especialmente na América do Sul, -17,2%), enquanto nas primeiras a redução ficou abaixo de 10%.

Na Ásia, o desempenho relativamente melhor das exportações se deve principalmente à queda mais branda nas vendas da China (-2,3%). Aliás, os países da região já registraram aumento de exportações de 0,2% em agosto ante o mesmo mês do ano passado, puxados pelo crescimento da China (9,5%). Indonésia, Malásia e Tailândia também tiveram queda relativamente mais modesta das exportações no acumulado do ano. A Índia, em contraste, teve redução bem mais forte, de 21,3%, e o Japão apresenta números semelhantes aos da América do Norte e da Europa. Do lado das importações, contudo, o desempenho dos asiáticos foi bastante negativo até agosto, com as notáveis exceções de China e Malásia.

Na América do Sul, Brasil e Chile tiveram as menores quedas de exportação até agosto, mas o fato de que a queda de agosto em relação ao mesmo mês de 2019 foi maior do que a taxa acumulada no ano indica que os países

podem estar enfrentando dificuldades para sustentar a recuperação das vendas externas. Deve-se destacar, ainda, que os valores de exportação em dólares dos países da região estão, certamente, sendo prejudicados pela queda dos preços internacionais, especialmente, aqueles mais dependentes do setor petrolífero. Quanto às importações, há quedas expressivas em todos os países, tanto no acumulado do ano quanto em agosto, refletindo o fato de que a região é uma das que está sofrendo as maiores quedas de atividade econômica na pandemia.

Na América do Norte, as taxas de variação das exportações são semelhantes entre os três países, refletindo o elevado grau de integração comercial entre eles. Já nas importações, a queda é bem mais forte no México, que enfrenta uma profunda recessão, e mais modesta nos Estados Unidos, onde a queda da atividade econômica tem sido minimizada pelos fortes estímulos fiscais e monetários.

Na Europa, observa-se grande variabilidade nas taxas de crescimento das exportações. A Irlanda, por exemplo, registra aumento das vendas no ano, em contraste com quedas acima de 20% na França, Noruega, Rússia[5] e Luxemburgo. Entre os países com quedas menores (inferiores a 10%) há vários países pequenos e localizados no leste europeu, com a notável exceção da Holanda. Já nos países maiores e com maior peso no comércio da região, como Alemanha, França, Reino Unido, Itália e Espanha, as taxas de variação no ano estão entre 13% e 21%.

Do lado das importações, o comportamento é mais homogêneo, com a grande maioria dos países tendo queda entre 10% e 20% no período janeiro-agosto. Há poucas exceções, como Irlanda, Suíça, Dinamarca, Turquia e Rússia.

Outro ponto a destacar diz respeito ao desempenho do comércio entre os países da União Europeia (EU) – todos da tabela, exceto Rússia e Turquia – relativamente ao comércio com o resto do mundo. Segundo dados do Eurostat[6], as diferenças entre a taxa de crescimento das exportações e das importações intra e extrazona em janeiro-agosto são relativamente pequenas (inferiores a 4 pontos percentuais) na maioria dos países. Entre os países que obtiveram um crescimento significativamente maior das exportações para o resto do mundo destaca-se Eslovênia, Dinamarca, Suécia e Polônia. Já Grécia, Irlanda, Croácia e França tiveram melhores resultados nas exportações para os membros da EU.

TABELA 2
Variação das exportações e das importações em dólares, segundo países e regiões selecionadas
(Em %)

	Exportações		Importações	
Países/regiões	Var. % jan-ago 2020/2019	Var. % ago 2020/2019	Var. % jan-ago 2020/2019	Var. % ago 2020/2019
América do Norte	-16,3	-12,8	-13,1	-8,4
Estados Unidos	-16,1	-14,6	-11,2	-5,6
Canadá	-16,9	-11,2	-16,0	-9,5
México	-16,6	-7,7	-20,7	-22,2
Europa	-13,3	-5,0	-13,2	-4,6
Irlanda	3,5	13,6	-5,0	-2,5
Suíça	-4,2	5,3	-9,4	-8,2
Dinamarca	-5,1	-9,6	-5,5	-1,9
Letônia	-4,9	0,3	-11,0	-0,4
Eslovênia	-5,9	2,2	-9,9	4,3
Polônia	-6,4	4,6	-10,5	-1,8
Estônia	-8,1	0,1	-10,7	1,9
Lituânia	-7,8	5,2	-13,7	-4,1
Holanda	-9,2	-5,4	-10,4	-6,1
Suécia	-9,0	1,2	-11,5	-1,9
Áustria	-10,2	2,9	-12,8	1,4
Hungria	-10,4	3,9	-10,0	0,9
Bélgica	-11,9	1,1	-13,4	-3,8
Grécia	0,0	0,0	0,0	0,0
República Tcheca	-12,0	-1,5	-10,9	-2,3

(Continua)

5. Noruega e Rússia têm grande parte do mau desempenho associado aos efeitos da queda dos preços do petróleo.
6. Disponível em: <https://ec.europa.eu/eurostat/data/database>. Acesso em: 30/10/2020.

(Continuação)

	Exportações		Importações	
Países/regiões	Var. % jan-ago 2020/2019	Var. % ago 2020/2019	Var. % jan-ago 2020/2019	Var. % ago 2020/2019
Turquia	-12,9	-5,7	-1,2	20,4
Alemanha	-13,4	-4,6	-10,8	-1,9
Itália	-14,0	-1,1	-17,2	-7,0
Eslováquia	-12,8	12,1	-13,7	3,3
Espanha	-15,0	-0,2	-18,5	-10,1
Portugal	-14,8	4,8	-19,0	-6,0
Finlândia	-17,4	-10,2	-13,2	-9,0
Reino Unido	-18,6	-10,4	-20,9	-11,7
Islândia	-19,1	-13,0	-21,6	-13,6
França	-21,4	-14,1	-16,6	-4,5
Noruega	-22,5	-12,8	-11,2	1,1
Rússia	-24,4	-32,3	-7,9	-11,1
Luxemburgo	-25,4	-2,0	-21,4	-2,0
Oceania	-10,9	-8,8	-10,7	-3,6
Nova Zelândia	-3,4	11,4	-16,2	-14,3
Austrália	-12,0	-11,1	-9,6	-1,3
América do Sul	-9,3	-11,8	-17,2	-25,8
Chile	-3,9	-10,8	-20,8	-22,4
Brasil	-7,5	-10,7	-12,9	-28,5
Argentina	-11,8	-11,3	-23,8	-20,4
colômbia	-24,3	-21,3	-20,6	-25,8
Ásia	-7,2	0,2	-11,0	-11,0
China	-2,3	9,5	-4,7	-2,0
Indonésia	-6,5	-8,2	-18,1	-24,2
Malásia	-5,8	-2,9	-7,3	-7,1
Tailândia	-8,7	-6,5	-16,7	-19,4
Coreia do Sul	-10,6	-10,1	-10,3	-15,8
Israel	-11,1	-8,4	-12,5	-5,2
Japão	-14,6	-14,5	-12,9	-20,5
Índia	-21,3	-12,7	-31,2	-26,1
Costa Rica	2,9	2,7	-15,8	-15,4
África do Sul	-13,0	-4,4	-27,3	-30,3
Total	**-11,8**	**-4,9**	**-12,6**	**-8,0**

Fonte: OCDE.

3.2 Possíveis fatores que impactam o comércio em 2020

Os fatores que explicam o desempenho das exportações e importações dos países são bem compreendidos pelos economistas, especialmente, com base em modelos gravitacionais que enfocam o crescimento do PIB (no país e no exterior), o tamanho relativo dos parceiros comerciais, a distância entre o país e os principais mercados, a existência de acordos preferenciais de comércio etc. Em 2020, porém, é possível que outros fatores sejam importantes para explicar os diferenciais de desempenho exportador e importador dos países. O primeiro, e mais óbvio, é a incidência da Covid-19, com a hipótese de que países mais atingidos pela doença sofreram maior impacto tanto em sua atividade produtiva quando na demanda e, portanto, deveriam registrar quedas relativamente maiores de exportações e importações.

O gráfico 7 revela, contudo, que não há uma correlação tão nítida entre variação das exportações e incidência de Covid-19 entre os 47 países analisados. A maioria dos países teve, até setembro, menos de 10 mil casos por milhão de habitantes e o desempenho exportador não mostra homogeneidade. Países com alta incidência de Covid, como Chile, Brasil, Israel e Costa Rica tiveram queda moderada ou mesmo aumento das exportações.

Quanto às importações, o gráfico 8 indica que a incidência de Covid possui alguma relevância, explicando 9% das diferenças de variação das exportações entre os países. Esse número não é tão grande quando se tem em conta que há uma concentração de países com baixa incidência (menos de 5 mil casos por milhão de habitantes) com desempenhos bastante díspares de importação, e também pela existência de países com alta incidência e quedas não tão expressivas de importação, como Israel, Estados Unidos e Brasil.

Outro fator que poderia gerar diferenças de desempenho comercial entre os países é a importância relativa das cadeias globais de valor para cada país. Nos últimos meses, houve diversos relatos de problemas nas cadeias de suprimentos, em função de restrições de oferta de produtos específicos em diversos países, o que sugere que países mais envolvidos nas cadeias de valor poderiam ter pior desempenho comercial. Na verdade, a Covid poderia aprofundar a tendência de desconstrução de cadeias de valor que já se verificava anteriormente à pandemia (Oliveira *et al.,* 2020). Os números de comércio em 2020, até agosto, contudo, não confirmam esta preocupação. Os gráficos 9 e 10 evidenciam que não há qualquer correlação entre a importância do valor agregado externo no valor agregado total das exportações[7] e as diferenças de desempenho das exportações ou das importações.

Um terceiro fator possivelmente importante é o peso que a China tem nas exportações de cada país. Considerando que o país asiático teve uma queda relativamente menor das importações no início do ano e se recuperou mais rapidamente, já tendo alcançado um volume de exportações superior ao do final de 2019, seria possível esperar que países que exportam mais para a China teriam um desempenho exportador melhor. O gráfico 11 sugere, entretanto, que este efeito é pequeno, respondendo por menos de 3% das diferenças de crescimento das exportações entre os países.

De qualquer modo, é possível observar que há dois grupos distintos de países. Um em que a China tem baixa participação nas exportações e cujo desempenho exportador foi bastante heterogêneo entre os países (desde variação positiva até queda de mais de 25%). O segundo grupo inclui países em que a China responde por pelo menos 15% das exportações e que, em sua maioria, tiveram queda das exportações inferior a 10%. Nesse sentido, a hipótese do efeito positivo da China não pode ser descartada, ao mesmo para um determinado grupo de países. É preciso ter em conta que a amostra de países aqui utilizada possui certo viés para países com baixo peso da China nas exportações como, por exemplo, todos os países europeus, em que o comércio intrarregional tem grande importância.

Vale analisar, ainda, se as diferenças de desempenho das exportações estão associadas ao perfil da pauta exportadora dos países, em termos da participação relativa de bens primários e manufaturados. O gráfico 12 indica uma correlação muito baixa, e mesmo no subgrupo de países em que a participação dos manufaturados nas exportações é superior a 60% (o mais numeroso dentro da amostra), as diferenças de desempenho exportador são bem grandes, não havendo nenhuma correlação visível.

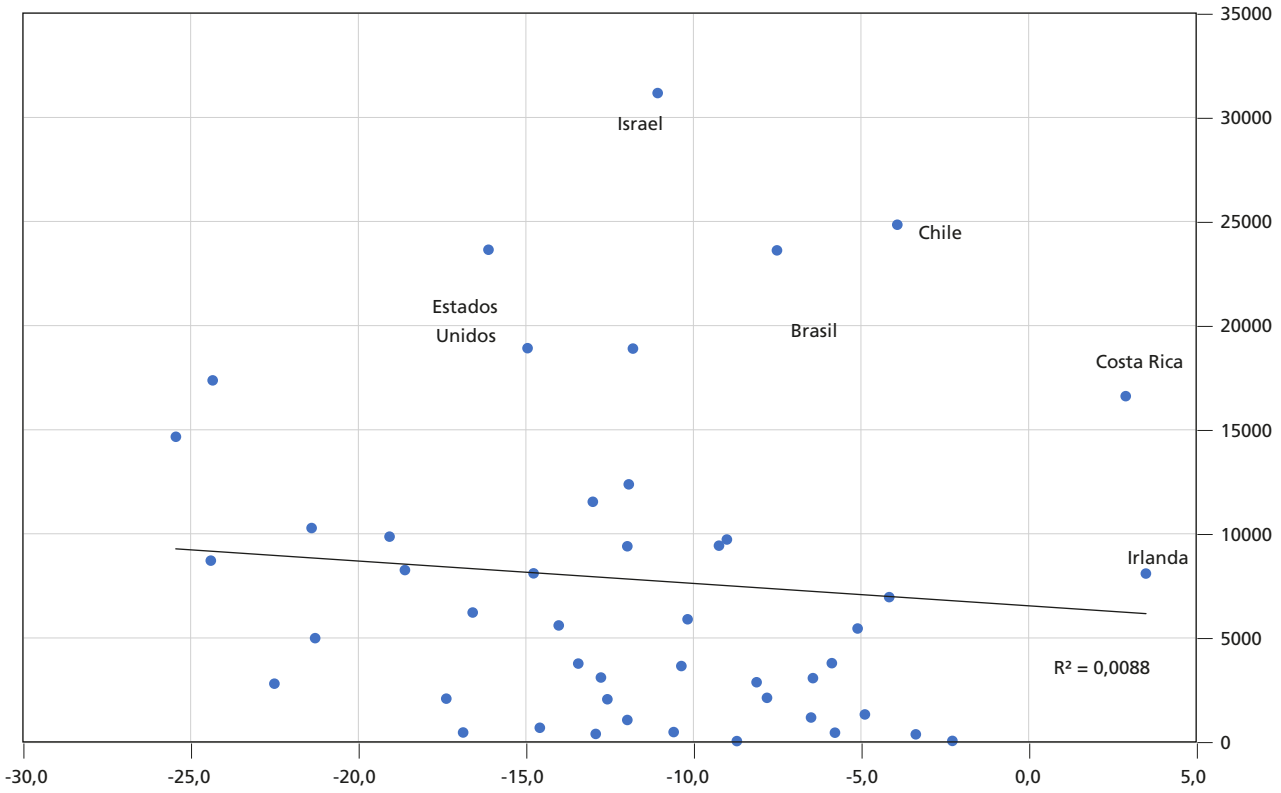
Por fim, o gráficos 13 mostra a correlação entre a variação do PIB dos países (dados referentes ao primeiro semestre de 2020) e o crescimento das importações, não deixando dúvidas de que estas estão muito correlacionadas com a atividade econômica.

7. Medida mais usada para avaliar a importância das cadeias globais de valor para um país. Dados extraídos da base de dados Trade in Value Added (TiVA), da OCDE. Disponível em: <https://www.oecd.org/sti/ind/measuring-trade-in-value-added.htm>.

GRÁFICO 7

Casos de Covid-19 por milhão de habitantes *versus* variação das exportações em países selecionados

(Em %)

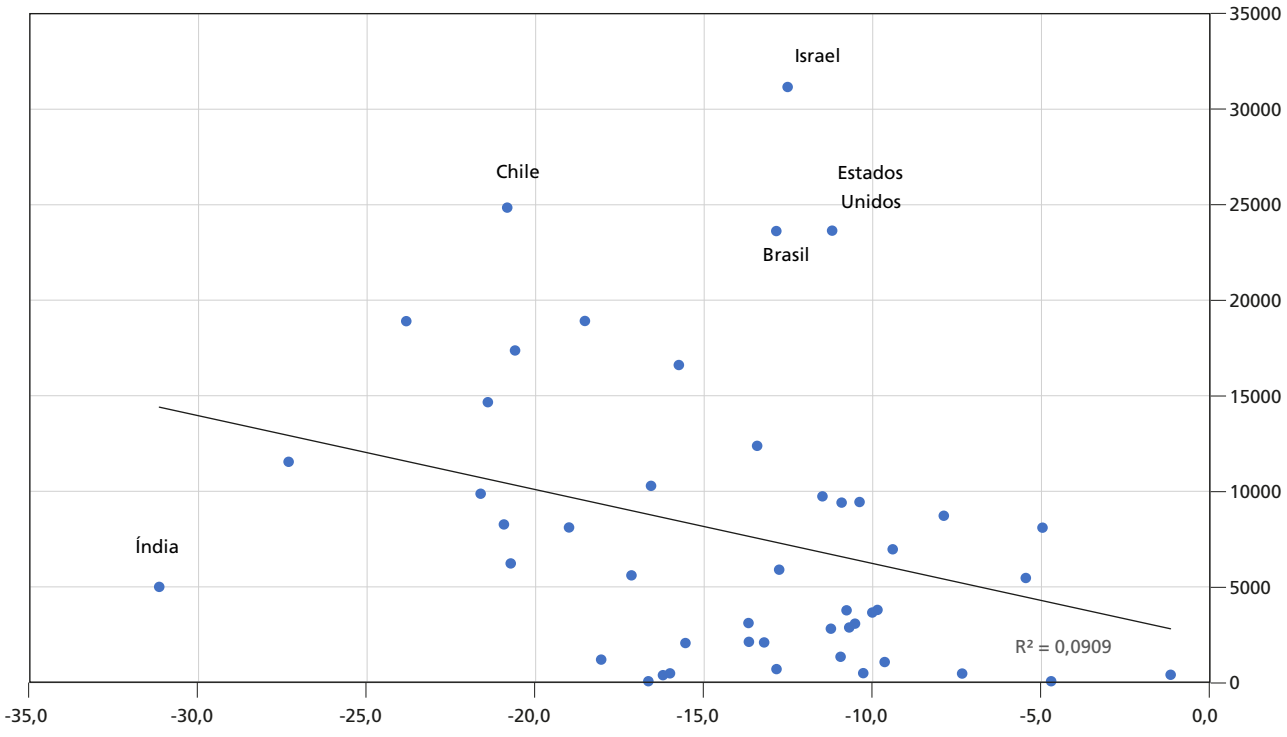


Fonte: OCDE e Organização Mundial da Saúde (OMS).

GRÁFICO 8

Casos de Covid-19 por milhão de habitantes *versus* variação das importações em países selecionados

(Em %)

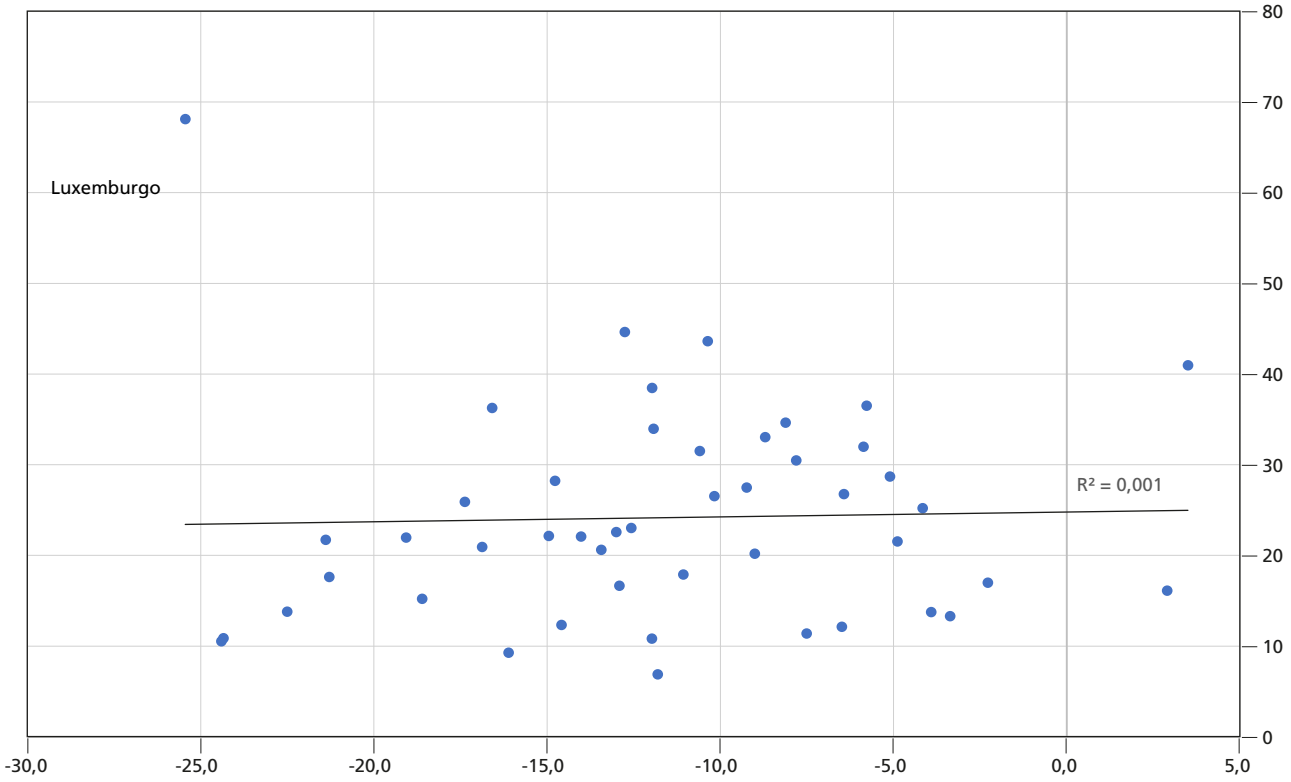


Fonte: OCDE e OMS.

GRÁFICO 9

Participação do valor adicionado estrangeiro nas exportações *versus* variação das exportações em países selecionados

(Em %)

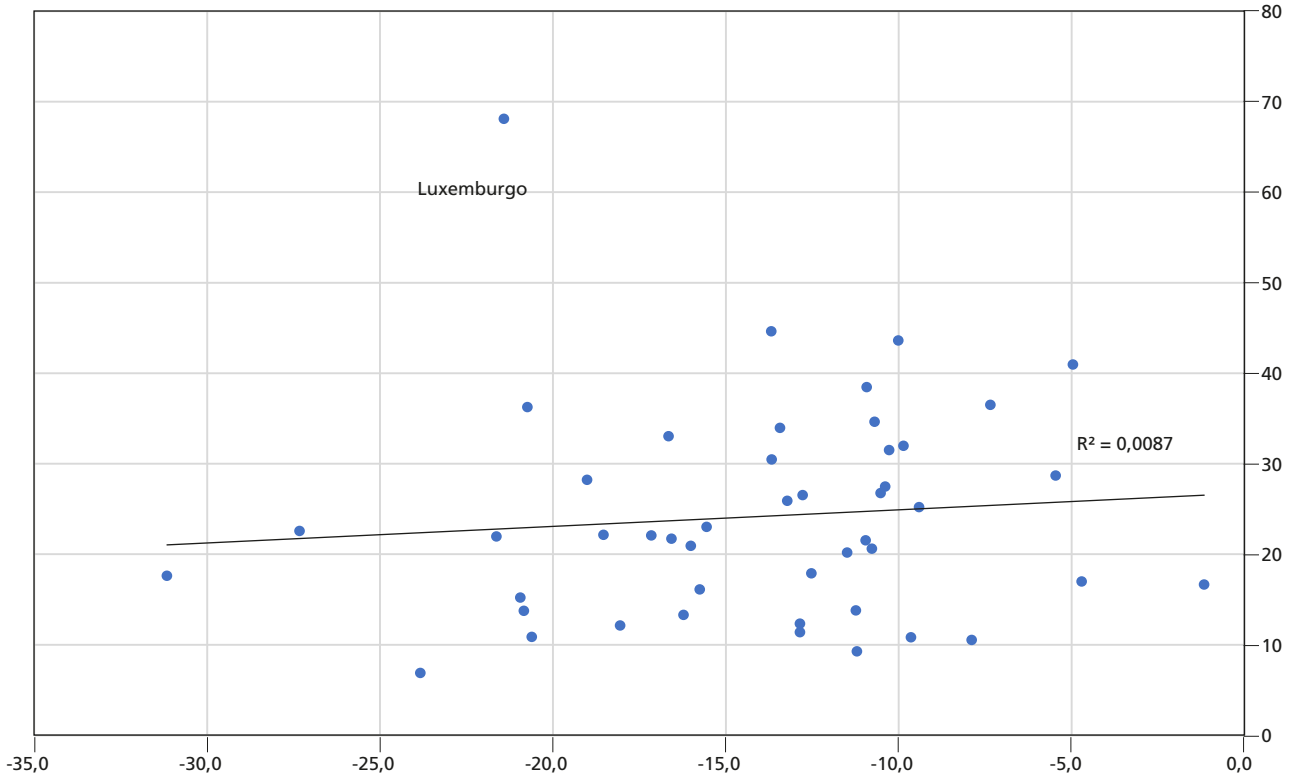


Fonte: OCDE.

GRÁFICO 10

Participação do valor adicionado estrangeiro nas exportações *versus* variação das importações em países selecionados

(Em %)

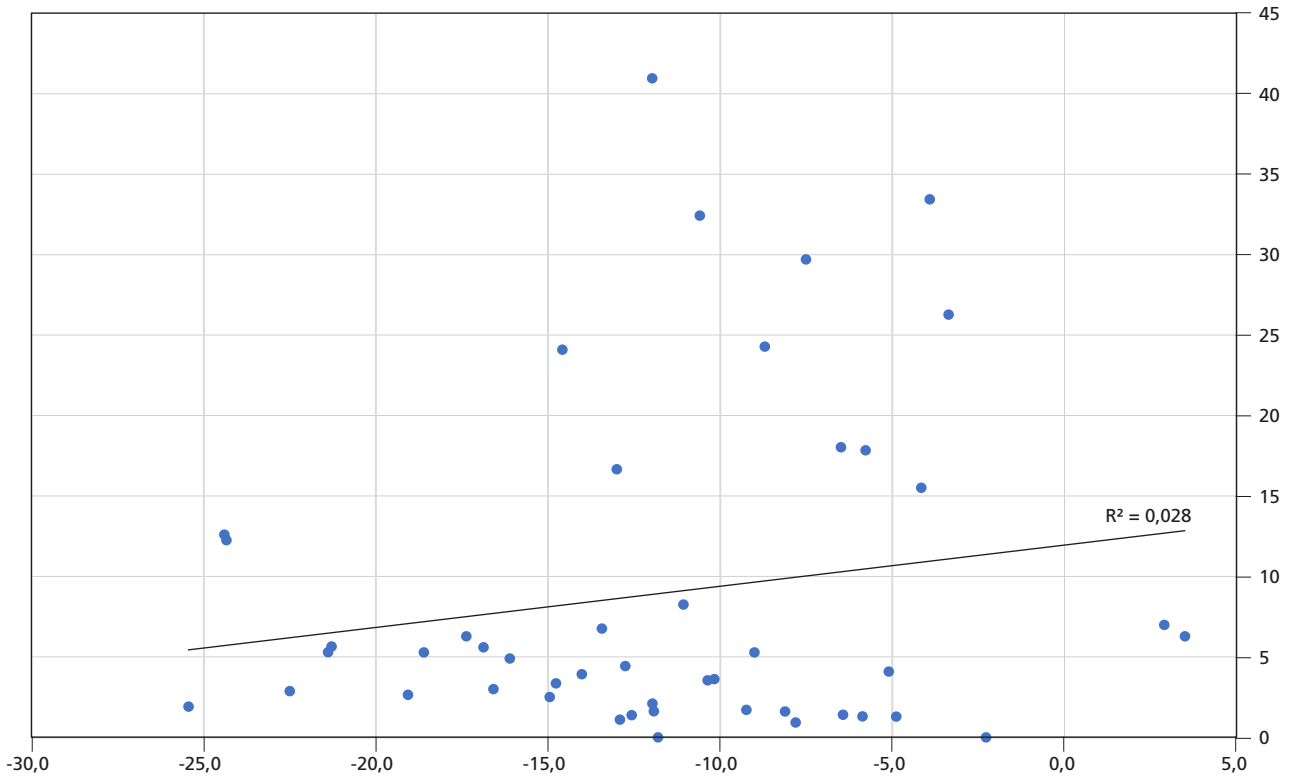


Fonte: OCDE.

GRÁFICO 11

Participação da China na pauta exportadora *versus* variação das exportações em países selecionados

(Em %)

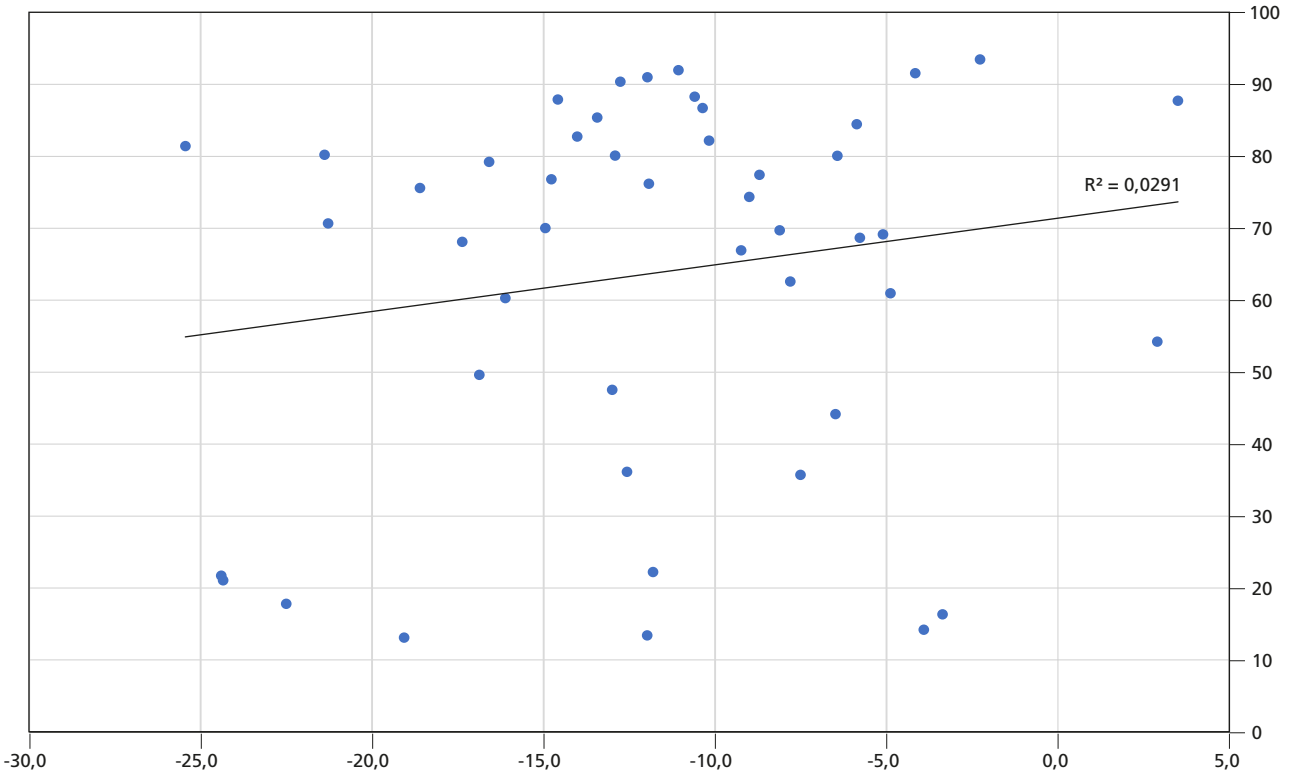


Fonte: OCDE e UN/Comtrade.

GRÁFICO 12

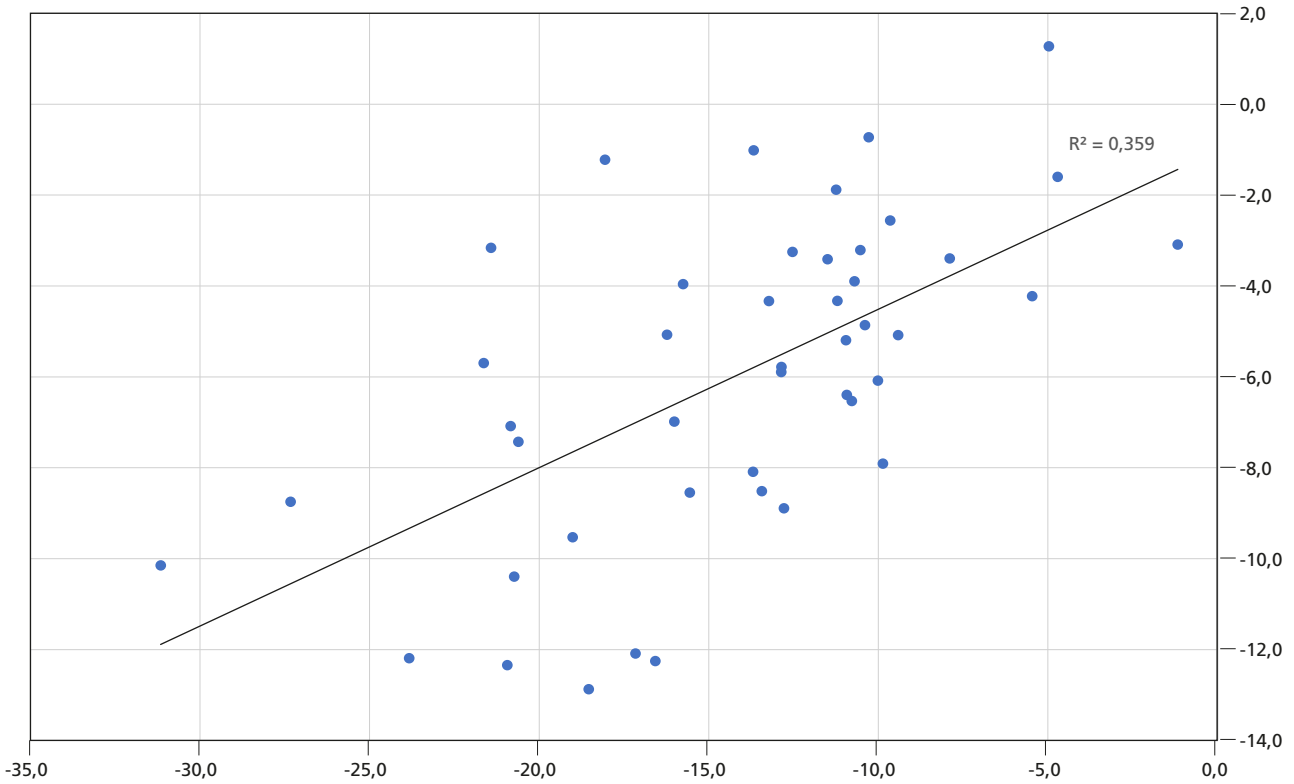
Participação de manufaturados na pauta exportadora *versus* variação das exportações em países selecionados

(Em %)



Fonte: OCDE e UN/Comtrade.

GRÁFICO 13
Variação do PIB no 1º semestre de 2020 *versus* variação das importações em países selecionados
(Em %)



Fonte: OCDE.

4. COMÉRCIO SEGUNDO PRODUTOS

Não há uma amostra suficientemente ampla e abrangente de dados de exportação e importação por países desagregada em produtos. Na verdade, a base de dados tradicionalmente usada para obter tais dados[8] apresenta grandes diferenças no grau de atualização dos dados entre os países, alguns já com informações para agosto ou setembro, mas a grande maioria ainda com dados limitados aos primeiros meses do ano.

Ainda assim é possível verificar algum padrão de comportamento do comércio segundo produtos com base em dados dos três maiores exportadores e importadores mundiais: China, Estados Unidos e União Europeia. Os dois primeiros reportam informações até agosto, ao passo que a UE disponibiliza dados até julho. Esses dados mostram que a queda das importações desses três mercados esteve concentrada em veículos rodoviários (cerca de 28% da redução total do valor importado), petróleo e derivados (cerca de 25%), máquinas e equipamentos (cerca de 20%), produtos químicos (cerca de 4,5%) e vestuário e acessórios (cerca de 4%). Vale lembrar que grande parte da redução das importações de petróleo (que foi da ordem de 30%) deve-se à queda dos preços do petróleo.

Entre os poucos produtos que registraram aumento de importações no ano, quase todos referem-se a produtos médicos, farmacêuticos, agrícolas e alimentares, sendo que, nesses últimos, quase todo o aumento de importações ocorreu na China.

Em síntese, além do petróleo, a crise afetou fortemente o comércio de bens de capital, de bens de consumo duráveis e também de alguns bens semiduráveis (confecções, vestuário, calçados etc.), mas foi benéfica para o setor de produtos médicos e farmacêuticos, dadas as necessidades da pandemia, e parece não ter prejudicado o comércio de produtos agroalimentares.

5. CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS

Esta NT ofereceu uma primeira avaliação acerca da trajetória do comércio mundial em 2020, levando em conta os indicadores mensais agregados para um conjunto representativo de países. A análise realizada nesse estudo permite

8. *Commodity Trade Statistics Database* (Comtrade), da *United Nations Conference on Trade And Development* (UNCTAD).

evidenciar que houve queda acentuada do comércio nos meses de março, abril e maio, seguida de uma rápida recuperação até agosto, mas sem que se tenha ainda recuperado toda a perda acumulada desde o final do ano passado.

O fato mais notável é que o desempenho tem sido bem melhor do que as projeções feitas logo no início da pandemia sugeriam, ainda que a recuperação venha se dando em ritmos diferentes entre os países e regiões. Isso se explica, em grande parte, pela boa evolução da produção industrial no mundo. Esta sofreu queda de 12,9% entre fevereiro e abril, mas recuperou a maior parte dessa perda entre junho e agosto. Um aspecto importante dessa crise, que a diferencia das anteriores, é que ela está afetando mais fortemente o desempenho os setores de serviços, principalmente os não transacionáveis, por serem mais sensíveis ao distanciamento social. Isso explica porque – conforme os números observados até aqui, em 2020 – o comércio mundial se contrai a uma taxa semelhante à do PIB, quando o esperado seria uma queda bem maior.

Outro fato importante que surge nos dados é que está havendo uma queda bem mais intensa do comércio nos países avançados do que nas economias emergentes. No *quantum* das exportações, os avançados tiveram redução de 12,1% no acumulado janeiro-agosto, com quedas de dois dígitos em todos os países e grupos considerados. Já os emergentes tiveram queda de apenas 4,1% no período, com taxas não muito diferentes entre as diversas regiões. A menor queda ocorreu na China, que também já mostra um crescimento das exportações em agosto, na comparação com dezembro de 2019. Também a América Latina já registra crescimento nessa comparação.

Com relação ao *quantum* de importações, a queda mostrou-se um pouco menor entre os avançados, de -10,5%, principalmente pelo comportamento menos negativo nos Estados Unidos e no Japão. Os países europeus foram os mais prejudicados nos fluxos de comércio, o que está em linha com o desempenho relativamente pior da atividade econômica na região, ante os dos demais países avançados. Entre os emergentes, a queda foi de 5,2%, com destaque para a redução de 14,5% na América Latina.

A análise do que aconteceu com os valores (em dólares correntes) das exportações e das importações para 47 países – os 37 da OCDE e mais Argentina, Brasil, China, Costa Rica, Tailândia, Malásia, Índia, Indonésia, Rússia e África do Sul – nos meses de janeiro a agosto mostra que houve redução de 12,3% nas exportações totais desses países e de 12,1% nas importações. As taxas mais negativas foram registradas nos países da América do Norte e na Europa. O desempenho foi um pouco melhor na Oceania. Já nos países da América do Sul e da Ásia, há clara diferença entre o desempenho das exportações e das importações, com queda maior dessas últimas (especialmente na América do Sul, -17,2%), enquanto nas primeiras a redução ficou abaixo de 10%.

Considerando que 2020 tem sido um ano excepcional em diversos sentidos, a seção 3 explorou alguns fatores que podem estar sendo importantes para explicar os diferenciais de desempenho exportador e importador dos países, como a incidência da Covid-19, a importância relativa das cadeias globais de valor para cada país, o peso que a China tem nas exportações de cada país e o perfil da pauta exportadora dos países, em termos da participação relativa de bens primários e manufaturados.

A análise de dados para os 47 países mostra, contudo, que não há uma correlação significativa entre a variação das exportações e das importações e cada um dos quatro fatores analisados, sugerindo que, mesmo em um ano atípico como esse, as diferenças de desempenho comercial entre os países estariam obedecendo aos fatores tradicionalmente relevantes, como os que integram os modelos gravitacionais: o crescimento do PIB (no país e no exterior), tamanho relativo dos parceiros comerciais, distância entre o país e os principais mercados, existência de acordos preferenciais de comércio etc.

Por fim, a análise do comportamento do comércio segundo produtos, com base em dados dos três maiores exportadoras e importadores mundiais (China, Estados Unidos e União Europeia) mostra que a queda das importações desses três mercados esteve concentrada em veículos rodoviários, petróleo e derivados, máquinas e equipamentos, produtos químicos e vestuário e acessórios. Já entre os poucos produtos que registraram aumento de importações no ano, quase todos são produtos médicos e farmacêuticos e produtos agrícolas e alimentares, sendo que, nestes últimos, quase todo o aumento de importações ocorreu na China.

Os números disponíveis sugerem que a queda do *quantum* de comércio esse ano possa ser menor do que as previsões recentes indicam. Com a hipótese conservadora de que o comércio mundial voltará em setembro ao mesmo patamar de fevereiro, e ali se mantiver até o final do ano, a variação de 2020 em relação a 2019 seria de -6,0%, número bem melhor do que as recentes projeções da OMC e do FMI. Em um cenário mais otimista, em que o *quantum* de comércio mundial mantém até o final do ano o ritmo de recuperação observado em junho, julho e agosto, a variação

pode ser de apenas -4,5%. O principal fator de risco nesse momento diz respeito ao crescimento do número de casos de Covid-19 em diversos países da Europa e também nos Estados Unidos.

Para o ano que vem, o cenário básico projetado tanto pela OMC quanto pelo FMI é de recuperação da atividade econômica e do comércio mundial, mas não em magnitude suficiente para retornar ao nível de 2019. A OMC projeta crescimento de 4,9% do PIB e de 7,2% do comércio mundial, enquanto, para o FMI, estes números são 5,2% e 8,3%. Naturalmente, há vários fatores de risco para essas projeções. O FMI (2020) chama a atenção para uma série de desafios e riscos a serem enfrentados daqui para adiante, que levarão a o que a própria organização chama de "uma longa e difícil ascensão" (*long and difficult ascent*), com ritmos de recuperação bastante distintos entre os diversos países e regiões do mundo. Entre eles estão todos os sete fatores de risco descritos no estudo do IPEA, os quais não se concretizaram até o momento, mas continuam como riscos latentes à recuperação.

Entre os fatores de risco, três merecem especial destaque, em termos de potencial de impacto sobre a atividade econômica e os fluxos de comércio. O primeiro é a questão fiscal. Os pacotes de estímulo adotados em diversos países (inclusive no Brasil) foram fundamentais para evitar o pior e, de certa forma, mitigaram no curto prazo boa parte dos riscos inicialmente identificados. Entretanto, os países agora precisam administrar um dilema que envolve a necessidade de preservar grande parte dos estímulos ainda por algum tempo, dado o estado ainda frágil das economias e o gigantesco hiato do produto que se abriu, e a premência de evitar um crescimento insustentável dos níveis de *deficit* e de dívida pública.

Esse dilema é especialmente relevante em países menos desenvolvidos, como o Brasil, que tradicionalmente possuem menor espaço para políticas fiscais expansionistas e com os quais o mercado costuma ter menos tolerância à elevação da dívida pública.

O segundo fator de risco diz respeito à evolução da pandemia e à velocidade com que uma vacina estará disponível. A permanência da pandemia e seu eventual recrudescimento em alguns países e regiões – que também pressionam as contas públicas via gastos com saúde – lança uma nuvem de incerteza sobre a capacidade de as economias sustentarem uma recuperação mais sólida. Nesse quadro, a disponibilização de uma vacina eficaz seria de grande valia pois, mesmo que leve muito tempo até que grande parte da população mundial seja imunizada, a simples existência da vacina traria maior segurança para consumidores e investidores, colaborando para estimular a demanda e o crescimento econômico.

O terceiro e último fator diz respeito a se os elementos que levaram à desaceleração do comércio mundial nos anos anteriores à pandemia continuarão operando, ou mesmo se seus efeitos serão ainda mais fortes daqui para adiante. A perda de ímpeto na construção de cadeias globais de valor (ou mesmo a desconstrução de algumas delas), o enfraquecimento das OMC, o aumento dos conflitos comerciais entre países (especialmente aquele entre Estados Unidos e China) e as tendências protecionistas associadas a lideranças mundiais com viés nacionalista tendem a limitar a expansão do comércio mundial, descolando-o do crescimento da atividade econômica – em contraste com que que aconteceu nas últimas décadas de globalização. É bastante provável que, superada a crise sanitária, o ambiente de negócios internacionais estará mais propenso à imposição de restrições de vários tipos aos fluxos de comércio e talvez, também, aos fluxos de investimento direto estrangeiro.

Em síntese, o comércio mundial tem se saído melhor do que o esperado nesse ano, mas as perspectivas continuam nebulosas para os próximos anos. É difícil projetar com razoável segurança qual será a nova conformação da economia mundial no pós-pandemia, quão amplas e profundas serão as transformações e como elas impactarão o comércio. Infelizmente, os fatos recentes (inclusive pré-pandemia) não são muito animadores, e é preciso estar preparado para um ambiente extremamente complexo e desafiador para o comércio mundial, exigindo a discussão e definição de estratégias e políticas adequadas para enfrentar esse desafio e buscar meios de tirar proveito das mudanças em curso.

REFERÊNCIAS

FMI (2020a). **WORLD ECONOMIC OUTLOOK.** Washington, April. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2020/04/14/weo-april-2020>.

FMI (2020b). **WORLD ECONOMIC OUTLOOK UPDATE.** Washington, June. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2020/06/24/WEOUpdateJune2020>.

FMI (2020c). **WORLD ECONOMIC OUTLOOK.** Washington, October. Disponível em https://www.imf.org/en/Publications/WEO.

OLIVEIRA, I., F. RIBEIRO, R. BAUMANN, G. OLIVEIRA, L. F. GIESTEIRA, L. F. TIRONI e A. ALVES (2020). **Comércio exterior, política comercial e investimentos estrangeiros:** considerações preliminares sobre os impactos da crise do Covid-19. Nota Técnica da Carta de Conjuntura IPEA, n. 47, 2º trimestre de 2020. Disponível em https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2020/04/CC47_NT_Com%C3%A9rcio-externo-Covid-19_02.pdf.

OMC (2020). **Trade shows signs of rebound from COVID-19, recovery still uncertain.** WTO Press Release, October. Disponível em https://www.wto.org/english/news_e/pres20_e/pr862_e.htm.

Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

EDITORIAL

Chefe do Editorial
Reginaldo da Silva Domingos

Assistentes da Chefia
Rafael Augusto Ferreira Cardoso
Samuel Elias de Souza

Supervisão
Camilla de Miranda Mariath Gomes
Everson da Silva Moura

Editoração
Aeromilson Trajano de Mesquita
Cristiano Ferreira de Araújo
Danilo Leite de Macedo Tavares
Herllyson da Silva Souza
Jeovah Herculano Szervinsk Junior
Leonardo Hideki Higa

Capa
Danielle de Oliveira Ayres
Flaviane Dias de Sant'ana

The manuscripts in languages other than Portuguese published herein have not been proofread.

Livraria Ipea
SBS – Quadra 1 – Bloco J – Ed. BNDES, Térreo
70076-900 – Brasília – DF
Tel.: (61) 2026-5336
Correio eletrônico: livraria@ipea.gov.br

Composto em linux libertine 10/13 (texto)
Ubuntu bold (títulos, gráficos e tabelas)
Brasília-DF

Logotipo/slogan de governo removido em observancia ao disposto no art. 40 da Lei n 9.504/1997

Missão do Ipea
Aprimorar as políticas públicas essenciais ao desenvolvimento brasileiro por meio da produção e disseminação de conhecimentos e da assessoria ao Estado nas suas decisões estratégicas.

ipea Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MINISTÉRIO DA
ECONOMIA